

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

DOI 10.22533/at.ed.4302015121

CAPÍTULO 2..... 18

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015122

CAPÍTULO 3..... 35

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

DOI 10.22533/at.ed.4302015123

CAPÍTULO 4..... 50

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015124

CAPÍTULO 5..... 69

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4302015125

CAPÍTULO 6..... 85

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.4302015126

CAPÍTULO 7..... 94

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

DOI 10.22533/at.ed.4302015127

CAPÍTULO 8.....	102
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4302015128	
CAPÍTULO 9.....	128
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA (<i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiúscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
DOI 10.22533/at.ed.4302015129	
CAPÍTULO 10.....	140
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.43020151210	
CAPÍTULO 11.....	152
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.43020151211	
CAPÍTULO 12.....	165
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
DOI 10.22533/at.ed.43020151212	
CAPÍTULO 13.....	181
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.43020151213	

CAPÍTULO 14.....	199
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.43020151214	
CAPÍTULO 15.....	211
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
DOI 10.22533/at.ed.43020151215	
CAPÍTULO 16.....	228
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151216	
CAPÍTULO 17.....	247
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151217	
CAPÍTULO 18.....	266
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151218	
CAPÍTULO 19.....	277
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151219	

CAPÍTULO 20.....	284
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.43020151220	
CAPÍTULO 21.....	291
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151221	
CAPÍTULO 22.....	304
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151222	
CAPÍTULO 23.....	311
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.43020151223	
CAPÍTULO 24.....	320
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151224	
CAPÍTULO 25.....	333
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.43020151225	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	349
ÍNDICE REMISSIVO.....	350

CAPÍTULO 16

CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI

Data de aceite: 01/12/2020

Luciano Marcos dos Santos

Instituto Federal do Paraná.
(UNIOESTE). Foz do Iguaçu – Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-4799-2647>
<http://lattes.cnpq.br/8775657708060343>

RESUMO: Este estudo discute e problematiza a situação de embate linguístico e cultural no Paraguai e sua interface com a questão do desprestígio da língua *jopará* em relação às línguas oficiais, guarani e castelhano. A língua *jopará* é caracterizada pela mistura de guarani e castelhano e, certamente, é a de menor valor no espectro linguístico paraguaio (LUSTING, 1996). É empregada também na redação de matérias em jornais populares, nas quais parece haver a imitação da linguagem coloquial de falantes de castelhano como língua dominante (ZAJÍCOVÁ, 2009). Segundo essas concepções, com base na Sociolinguística e na Política Linguística, que compreendem o Paraguai enquanto ambiente multilíngue, e baseado em uma concepção de linguagem que critica a visão monoglôssica, neste artigo, busco entender, qualitativamente, portanto de forma parcial, as causas que incidem sobre a limitação de circulação do *jopará* aos contextos informais, tais como o Diário Popular, enquadrado na imprensa sensacionalista, marginalizada. Nessa ordem, quanto ao desprestígio do *jopará*, articulo-o ao contexto de ensino paraguaio que vislumbra a

homogeneização cultural; à formação da Nação e às políticas linguísticas, que caminharam e seguem nessa mesma direção. Dessa forma, por meio de entrevistas semiestruturadas, consulta ao referencial bibliográfico e aos dados advindos de outra investigação (SANTOS, 2012), apresento os resultados, provenientes da análise das definições e classificações da língua *jopará*, estabelecidas por pensadores e intelectuais, os conceitos dos estudantes paraguaios sobre o mesmo tema e a forma como esse fenômeno se materializa nas páginas do jornal Diário Popular. Este estudo se justifica por esclarecer e diminuir o estranhamento causado pelos contatos linguísticos no contexto em questão, contribuindo para a formação de professores, especialmente os que atuam em região de fronteira.

PALAVRAS - CHAVE: Jopará; Diário Popular; Processo Histórico; Política Linguística.

LANGUAGE CONFLICTS IN PARAGUAY. CONFRONTATION BETWEEN JOPARÁ AND OFFICIAL LANGUAGES: CASTELHANO AND GUARANI

ABSTRACT: This study discusses and problematizes the situation of linguistic and cultural conflict in Paraguay and its interface with the question of the lack of prestige of the Jopará language in relation to the official languages, guarani and castelhano. *jopará* is characterized by a mixture of guarani and castelhano and is certainly the least valuable language in the Paraguayan linguistic spectrum (LUSTING, 1996). It is also used in the writing of articles in popular newspapers, in which, it seems to be an imitation of the colloquial language of castelhano

speakers, as the dominant language (ZAJÍCOVÁ, 2009). According to these conceptions, based on Sociolinguistics and Linguistic Policy, which understand Paraguay as a multilingual environment, and based on a conception of language that criticizes the monoglossic view, in this article, I seek to understand, qualitatively, therefore partially, the active causes on limiting the circulation of jopará to informal contexts, such as *Diario Popular*, framed in the sensationalist, marginalized press. In that order, regarding the disrepute of jopará, the present study articulates it to: the context of Paraguayan education that envisions cultural homogenization; to the Nation constitution process, and to the linguistic policies, which have walked, and continue, in that same direction. In this way, through semi-structured interviews, consultation of the bibliographic reference and data from another investigation (SANTOS, 2012), this article presents the results, from the analysis of the definitions and classifications of the jopará language, established by intellectuals, the concepts of paraguayan students, about the same topic, and how this phenomenon materializes on the pages of the *Diario Popular*. This study is justified by clarifying and reducing the estrangement, caused by linguistic contacts in the context in question, contributing to the teachers work, especially those working in the border region.

KEYWORDS: Jopará; *Diario Popular*; Historical Process; Language Policy.

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de estudos preliminares sobre o tema do *jopará* no *Diario Popular* (*Diario:grafia original em castelhano*), iniciados em 2011, que culminaram na tese de doutoramento, que argumenta em função do processo de construção do *ethos* popular do jornal em questão, atrelado ao emprego da língua *jopará*, defendida em 2019. O interesse pelo assunto, entre vários fatores, ocorreu em virtude de minha atuação como professor de espanhol em uma região fronteira, entre Brasil e Paraguai, na qual o tráfego entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este é bastante facilitado.

Devido ao fluxo de pessoas por essa região, pelo turismo e pelo intenso comércio, motivo de movimentos migratórios, entre outros aspectos, ocorre o intercâmbio linguístico e cultural, o que converte esse ambiente em multilíngue, multicultural. Em Ciudad del Este, por tais circunstâncias, circulam as línguas: portuguesa, castelhana e guarani, assim como, mandarim, línguas árabes, coreano e línguas indianas, entre outras.

Dentre os três países que compõem a Tríplice Fronteira, o Paraguai é o único que reconhece uma língua indígena, o guarani, como oficial. Essa oficialidade, no entanto, contribui para a invisibilização de outras práticas de linguagem, que envolvem as línguas de imigrantes, indígenas, de surdos, entre outras. Algo semelhante, nesse contexto, ocorre com o *jopará*, no entanto em âmbito nacional.

No Paraguai, o *jopará*, língua proveniente da hibridização do castelhano e do guarani, apesar de utilizada nas interações cotidianas por toda a população, sobrevive, no entanto, às margens das pessoas que a empregam e das situações de uso (PENNER, 2017). Nessa direção, não deixa de ser estigmatizada como “castelhano errado” ou guarani errado” e

tem seu espaço de circulação excluído do mundo formal (PERES, 2001). Encontra lugar na veiculação de notícias, em jornais populares, tais como o *Diário Popular*.

Nessa direção, buscamos neste trabalho, entender as práticas de linguagem, situadas no mundo moderno e globalizado, no Paraguai, ambiente oficialmente bilíngue, multilíngue e multicultural. Dedico especial atenção ao *jopará*, partindo da questão norteadora: por que ao *jopará* é relegado o terreno da informalidade? Tendo em vista que desde sua formação, no Paraguai, não se fala guarani ou castelhanos puros (MELIÀ, 1992).

Dessa maneira, este trabalho critica uma concepção de língua baseada em uma visão monoglóssica e defende a concepção de linguagem adotada nessa pesquisa: “[...] recursos móveis, fluidos e híbridos que são apropriados pelas pessoas para seus propósitos; esses recursos indexam significado e ganham forma em contextos situados para interlocutores específicos em sua prática social” (CANAGARAJAH, 2013, p. 7). Em conformidade aos estudos de Cesar e Cavalcanti (2007), interessa-me pensar a língua como uma combinação de diversos fragmentos de conjuntos híbridos organizados em porções, o que derruba o mito da língua pura, sem interferências.

A pergunta norteadora me conduz a algumas reflexões: a) a indiferença com relação às línguas que não são reconhecidas como línguas, aquelas que não atendem ao padrão e não têm capital simbólico para alcançar a legitimidade; b) uso da língua *jopará*, a qual, em termos de usuários é bastante expressiva, no entanto tem espaços de circulação, socialmente aceitos, delimitados.

Partindo desses pressupostos, o presente estudo propõe: problematizar a situação de conflito linguístico vivida no Paraguai e sua interface com a questão do desprestígio da língua *jopará* em relação às línguas oficiais, guarani e castelhanos. Entender o papel do ensino, a formação da Nação e as políticas linguísticas nesse processo. Compreender e argumentar sobre os embates envolvendo essas línguas, por meio da análise dos dados procedentes: 1) das definições e classificações quanto à língua *jopará*, estabelecidas por pensadores e intelectuais; 2) entrevistas semiestruturadas, gravadas, com cinco estudantes paraguaios da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), de ambos sexos, com perfis sociais diversificados, com base em seus conceitos sobre o mesmo tema e de forma contextualizada, no *Popular*; 3) dados de outra pesquisa realizada em 2012 (SANTOS, 2012) e seu entrelaçamento à forma como a língua em foco se materializa nas páginas do jornal analisado; 4) análises de notícias da seção criminal de todas as edições do jornal *Diário Popular*, entre janeiro e maio de 2011.

A pertinência deste trabalho está na importância em estudos relativos ao Paraguai, pois devido à sua formação histórica, esse país apresenta uma diversidade cultural instigante, tendo como resultados, a língua *jopará*, a qual ainda é desconhecida, mesmo para os habitantes de Foz do Iguazu no Paraná, Brasil e região.

Parece favorável, por meio dos resultados desse artigo, contribuir para a prática de professores em região de fronteira, especialmente os de língua portuguesa e língua

espanhola, pois ao entender a cultura e história paraguaia, é possível entender também os docentes dessa origem, que em menor número em cursos e instituições brasileiros, possivelmente apresentam angústias, anseios, dúvidas e receios com relação à sua inserção em um ambiente escolar ainda não preparado para recebê-los, pois o choque cultural causa estranhamentos que podem assumir a forma de preconceitos e julgamentos de valor.

Este estudo está dividido em partes. No primeiro momento discuto e apresento a língua *jopará* segundo conceitos estabelecidos por pesquisadores, na sequência analiso o *jopará* no jornal *Diário Popular*. Em seguida abordo o tema das ações tomadas por grupos detentores de poder, as quais se tornaram políticas linguísticas no Paraguai e contribuíram para a valorização das línguas oficiais, “puras”.

2 | O JOPARÁ NO DIÁRIO POPULAR

Meliá (1992) define o *jopará* como a terceira língua do Paraguai, formada de uma base guarani com empréstimos do castelhano e não o contrário. O autor assevera que o guarani tribal, portanto sem contato com castelhano, não seria compreendido pela população atual e tão pouco era possível, nem durante o período missioneiro.

Nessa linha do tempo, segundo Krivoshein de Canese (1993), o guarani falado atualmente é originário da tribo *kari`o*, sendo este, historicamente, desenvolvido em contato com o castelhano, havendo, dessa maneira, graus de interpenetração entre as línguas. O que levou o guarani acadêmico, com menor presença de castelhano, considerado “puro” por seus defensores, a tornar-se oficial, foi certa uniformidade apresentada. Faz parte da formação histórica e cultural, a capacidade da população paraguaia em empregar o castelhano, guarani ou o *jopará*, em diferentes contextos da vida, na fala e na escrita.

Krivoshein de Canese (1993) não considera o *jopará* como a terceira língua no Paraguai, devido ao não desaparecimento do castelhano e do guarani, sendo essas duas línguas ainda empregadas, com graus de interferência uma na outra. Ela ainda aponta a necessidade de correção, por meio da educação, dos usos interconectados de ambas as línguas, para que não se convertam em uma terceira, no caso o *jopará*.

Quanto à educação, observa que no meio acadêmico, os alunos apresentam dificuldade em utilizar a língua castelhana, o que acarreta em problemas de aprendizagem, pois, ela verifica que, como a grande maioria deles é falante de guarani, a alfabetização em castelhano, língua priorizada pela escola, torna-se conflituosa, gerando tensões no processo de ensino/aprendizagem. Uma possível solução para esse problema, segundo a autora, seria um plano de ensino bilíngue eficiente.

Lusting (1996) define o *jopará* como linguagem mesclada de castelhano e guarani, utilizada por grande número de paraguaios no dia a dia, sendo considerada a terceira língua do Paraguai. Outra característica dessa língua é liberdade expressiva, o que a torna

difícil de categorizar, pois é possível encontrar zonas e situações onde há o predomínio do guarani sobre o castelhano e em outras onde ocorre o contrário. Lusting ainda destaca que o *jopará* é a variante de menor prestígio no Paraguai.

Na literatura paraguaia, a língua *jopará* recebeu o crivo de “horrenda” por Augusto Roa Bastos, escritor paraguaio de renome. O romancista em sua obra: *El Fiscal*, por meio de um personagem, afirma que o *jopará* é um dialeto que se assemelha a língua *ñe`è tavy*, maneira como uma pessoa com distúrbios mentais se expressaria.

Gynan (2003) destaca em suas pesquisas, os aspectos fonológicos intactos no guarani falado na atualidade, além desses aspectos, também ressalta as interferências nos níveis morfossintáticos, lexicais e de interação comunicativa. Quanto à interação comunicativa, o autor observa que os falantes de castelhano e guarani sabem perfeitamente distinguir as duas línguas e o fato de mesclarem os dois idiomas, é algo de que se valem em vários contextos sociais, justamente por poderem contar com ambos os recursos léxicos.

Na mesma ordem de raciocínio, Kallfell (2016) observa que o *jopará* não seria apenas uma variação das línguas castelhana ou guarani, por considerar que aquele que domina somente uma, não conseguirá compreender o uso misturado das duas, visto tratar-se de outro sistema de comunicação. Todavia, o próprio autor questiona se o *jopará* pode ser considerado uma língua ou até mesmo a terceira do Paraguai, porque, segundo seus estudos, seria um *continuum* pouco normatizado de possibilidades de realização.

Contudo, apesar das formas diferentes de conceber o *jopará*: como a terceira língua, como guarani com empréstimos do castelhano, como mal a ser combatido, no entanto, há que se ressaltar que é empregado na fala de grande parte da população (PENNER, 2017).

Como se pode observar, há uma divergência por parte dos pesquisadores em considerar o *jopará* como a terceira língua do Paraguai. Porém os autores concordam que tanto o guarani, quanto o castelhano, línguas oficiais na atualidade, são línguas que sofreram alterações, contendo em ambas, graus de interpenetração, o que derruba o mito das línguas “puras”, nesse ambiente. Os cinco alunos da UNILA, quando entrevistados, com intuito de apurar seus conceitos a respeito do *jopará*, apontaram:

Aluna 1: eu creio que sim...que foi se modificando com os anos, com o tempo, porque, por exemplo, no Paraguai é difícil encontrar uma pessoa que fala o guarani, guarani, puro. Tipo, para mi sim é uma língua, que foi se modificando com o tempo

Aluna 2: Eu creio que uma língua não tanto, creio que seria uma variedade. Obviamente que no dia a dia vai escutar falar o jopará, creio que não se deve perder esse vínculo com o guarani.

Aluno 3: Creio que se você falar em jopará, você não sabe muito bem falar o guarani, como se não soubesse falar muitos bem nem espanhol e nem guarani e com isso você perde sua cultura mais sensível, porque o guarani é a cultura, a raiz do Paraguai e se você vai falar em jopará...tipo...vai perder.

Aluno 5: Uma língua, língua não seria..não vejo como uma língua, mas...é a linguagem popular que se utiliza..ou seja..(concorda com a aluna 1) não se utiliza o guarani, guarani, mas (concorda com a aluna 2) não deveria ser assim, pois se perde a identidade de ambas as coisas. (ENTREVISTA, 18/12/2016, tradução do autor)

O *jopará*, segundo o quadro que se forma, apesar de expressar a realidade linguística paraguaia, no entanto, é vinculado a forma de falar, não estando em conformidade com sua expressão escrita, assim como, é uma prática de linguagem atribuída a grupos sociais descapitalizados, ou a circunstâncias de uso em contextos não formais.

Nessa direção, não é reconhecido por alguns autores, porém sua existência e emprego são inegáveis. Do ponto de vista comunicacional, é eficiente e expressivo, como tratarei de evidenciar pela análise das notícias do jornal *Diario Popular*. Essa língua de contornos livres, cujos limites e barreiras são pouco estáveis (LUSTING, 1996), abre possibilidades ao uso de novas palavras e até a criação de novas. Trata-se, pois, dos usos criativos da linguagem, baseados em novas práticas, as quais estão pautadas pela negociação de sentido em função da comunicação facilitada e do mercado.

Para contextualizar um dos objetos de análise, apresentamos alguns trechos do jornal *Diario Popular*. São pequenos excertos de matérias escritas em *jopará*, os quais são a concretização, em forma de discurso escrito, de uma linguagem que rompe com a tradicional e padronizada, empregada em jornais de referência. O uso misturado da língua, dependendo de quem o julga/conceitua, dependendo do contexto, pode ter uma conotação pejorativa e seu uso ser estigmatizador e marginalizante, o que parece ocorrer nas matérias do *Diario Popular* analisadas. Esse fato parece originário, também, de uma educação e políticas linguísticas homogeneizadora, como veremos mais adiante.

O jornal *Diario Popular*, que se apresenta como “*El periódico que más gente lee*”, e, segundo fontes do próprio jornal, de fato, é o mais lido em todo Paraguai. Ele custa 2.500 guaranis, o que corresponde a mais ou menos R\$1,00, dependendo do câmbio do dia. É um dos “produtos” do *Multimedias S.A.*, um grupo empresarial dedicado à comercialização de mídias. Além do jornal impresso, esse grupo ainda conta com três emissoras de rádio (FM Popular-103.1 e Corazón – 99.1 e a AM Uno - 650). É possível ler o diário pela internet, pois o grupo possui uma página na rede, mas para isso é necessário ser assinante. A sede do grupo está localizada em Assunção, capital do Paraguai, na avenida Mariscal López, uma das avenidas mais conhecidas dessa cidade.

Para discutir a desvalorização da língua *jopará* no campo jornalístico e sua relação com o campo social, linguístico e cultural, baseio-me em alguns dados provenientes de uma pesquisa que realizei no ano de 2012, na qual analisei as matérias do jornal *Diario Popular* dos meses de janeiro de 2011 a maio do mesmo ano. No total de 151 exemplares analisados, nos quais encontrei um total de 20.461 (vinte mil quatrocentos e sessenta e um) palavras em guarani. Desse total de palavras de origem guarani, a grande maioria

encontrava-se nos textos do caderno *Sucesos* - caderno que registra as ocorrências policiais; 51% do total de palavras encontradas.

O fato da maioria das matérias, que estão expressas em língua *jopará*, estarem presentes nas páginas policiais do jornal, na qual podemos ver expostos os casos de homicídio, roubos, furtos e práticas consideradas fora da lei, é algo relevante, pois pode indicar, segundo Amaral (2005), que a equipe editorial do impresso adequa a linguagem dessa seção a um perfil de leitor específico, cujo universo cultural engloba o *jopará* como prática de linguagem legítima e autêntica.

O jornal apresenta como característica a picardia e o humor em suas redações. Como exemplo disso, são as referências à Argentina, pelo emprego do termo: *Kurepilandia* e *Rapailandia* ao Brasil, pois, *kurepi* em guarani é o vocábulo empregado para designar porco, agregado ao sufixo *-landia*, que indica terra (do inglês *land*). No caso do Brasil, o termo que se utiliza em *jopará* para brasileiro é *rapai* (variação do português rapaz) com acréscimo do sufixo *-landia*.

Nas páginas do caderno *Sucesos*, encontramos as ocorrências policiais de Assunção (capital do Paraguai) e de outras cidades como *Luque*, *Villa Rica*, *Ciudad Del Este*. O *Diario Popular* conta com jornalistas correspondentes que cobrem os acontecimentos por todo o país. Além das ocorrências policiais, esse caderno apresenta acidentes de trânsito, problemas e dramas familiares, brigas entre casais ou vizinhos, entre outros temas dessa mesma natureza, como se observa nos títulos das matérias:

1- Intentó violar a mitákuña. (Tentou violentar uma moça).(Fonte: Diario Popular, 5882, 13 mar. 2011, p. 2, tradução do autor).

2- Vecina macheteó a ñato por su cara (Vizinha golpeou marginal na cara). (Fonte: Diario Popular, n. 5901, 01 abr. 2011, p. 2, tradução do autor).

Percebemos que os jornais rotulados como sensacionalistas, como o *Diario Popular*, apresentam em sua configuração um espaço bastante grande a temas relativos ao gosto do público leitor, os quais não escapam de serem noticiados nos jornais tidos como “sérios”, já que o assunto da violência é abordado em todos os veículos de comunicação. Mas, ainda assim, devido ao perfil social do leitor, são mais explorados por jornais populares (DIAS, 2008).

Segundo Serra (1980, p. 19), a seção policial, dentro de um jornal, representará o cotidiano de uma região social.

[...] é o espaço em que figuram como personagens centrais e atuantes aqueles cujo aparecimento no resto do jornal é impossível ou secundário. Pois em relação ao espaço total do jornal, eles são ‘desviantes’: marginais, ladrões, assassinos, traficantes, desonestos, homossexuais, prostitutas, menores delinquentes, em grupo, organizados ou individualmente [...].

Esse mesmo autor destaca que a distribuição dos fatos jornalísticos no jornal, em seus múltiplos cadernos, destinam outros espaços a outros personagens da sociedade, associados ao trabalho, à justiça e ao poder, enfim, a uma ordem social legítima.

Ora, ao situar as manifestações daqueles setores em seção especial, e ao designá-la como 'policial' ou 'criminal', é ao mesmo tempo como desviantes sociais e como ilegais que o espaço do jornal os representa. Unificando-os preferencialmente sob o tópico 'policial', indica-nos a instância policial como mediadora por excelência da normalidade e do desvio, colocando-a como agente normal para demarcar a outra e para garantir sua dominância em termos globais. (SERRA, 1980, p. 19).

Em jornais populares, ou rotulados como sensacionalistas, o que ocorre é uma inversão da valorização do material jornalístico que compõe suas páginas. Desse modo, o que em um jornal “sério” seria tido como anomalia, resguardado à seção especial, em jornais populares é corriqueiro e abrangente. Tudo que se refere à vida popular se espalha por esse tipo de jornal impresso (AMARAL. 2005).

A representação dos atos e estados da violência por meio das experiências vividas pelas classes operárias é tema recorrente de jornais populares como o *Diário Popular* do Paraguai ou o *Notícias Populares* de São Paulo. Observa-se, nesse caso, o uso de expressões e gírias muito pitorescas (exemplos 1 e 2) que podem identificar uma comunidade ou um grupo social.

Expressar o cotidiano, marcado por atos violentos, de bairros periféricos, por meio da exposição da vida de moradores desses ambientes, é uma tentativa de aproximação, uma estratégia criada pelo jornal, uma vez que a violência está presente em todos os setores sociais. Jornais populares aspiram reproduzir a ordem social pela crença na ilusão da transparência da linguagem, veiculando classificações estigmatizadoras, como a do marginal, identificado como alguém que vive e pratica a violência no seu dia a dia (DIAS, 2008).

Nos jornais populares, ao contrário dos jornais “sérios”, o espaço do “marginal” é central, é tema de capa, é manchete, e a busca de uma linguagem adequada ao público, torna-se, assim, uma preocupação central, tendo em vista os objetivos financeiros do órgão de imprensa. As palavras, nesse contexto, servem para nomear os sujeitos envolvidos nos acontecimentos, suas ações e instrumentos empregados. A equipe de editores do *Popular* utiliza o *jopará*, de forma a de imitar a língua falada (ZAJÍCOVÁ, 2009, p. 29), em que o castelhano é dominante, variação empregada pela população, especialmente em áreas urbanas.

Percebe-se na escrita do jornal em análise, um processo de hibridização e aproximação à norma culta da língua, no sentido de respeitar estruturalmente a origem latina da composição dos enunciados, acrescentando, conforme a conveniência e em função dos efeitos (humor, surpresa, destaque, medo...) palavras em guarani, conforme

o exemplo:

3- *Tenían kyse y marihuana (Portavam uma faca e maconha).* (Diário Popular, n. 5976, 23 jun 2011, p.2, tradução do autor)3- *Tenían kyse y marihuana* (Diário Popular, n. 5976, 23 jun 2011, p.2)

Por meio do emprego do vocábulo *kyse* – faca, escrita em *jopará*, de origem guarani, podemos verificar que os redatores fazem escolhas de palavras, específicas, em guarani, em função da sua expressividade. Assim, percebe-se a negociação linguística, a qual “é uma forma de renegociar línguas e culturas, e apropriar-se delas para fins estratégicos em seus próprios termos” (CANAGARAJAH, 2013, p. 56). Enquanto o jornal mantém a língua preferencial, castelhana, em boa parte dos seus cadernos, na redação de outros (esportes e páginas criminais), de gosto mais abrangente, utiliza palavras em língua guarani, bastante pontuais, como forma de afetar o leitor.

Essas ações se configuram, para além de uma maneira de interação, uma intenção argumentativa, no sentido de instaurar a adesão, cumplicidade e a identidade institucional, compatível ao universo cultural do possível leitor, o que poderá alavancar vendas.

Por outro lado, o uso da língua *jopará* no jornal em questão, associada ao humor, conforme aspectos sociais, pode dar descrédito ao veículo. Segundo o entrevistado, aluno da Unila, de 23 anos, de classe média:

Aluno 5: Eu não entendo...um jornal tem que ser algo sério...e que tenha boa fonte, que uma pessoa lê e está segura do que está lendo. Está lendo informação que vale a pena. Um jornal como esse (DP) tem a parte de informar, mas com um toque de humor. Ao mesmo tempo que informa gera o riso (ENTREVISTA 18/12/2016, tradução do autor)

Quando estive em contato com paraguaios e dizia que pesquisava o *jopará* no jornal Diário Popular, muitas eram as caras de incompreensão do porquê alguém dedicaria uma pesquisa a esse tema. Os alunos informantes me explicaram que achavam graça pelo motivo de, primeiro o Popular empregar um *jopará* falado nas ruas e segundo pela forma como retrata as tragédias, com uso de palavras-chave, em guarani, as quais, dessa forma, se tornam engraçadas, deixando a ação, que geralmente é violenta (facadas, golpes, tiros, ...) amena. Porém, segundo Cavalcanti (2013), os risos e situação cômica demonstrada pelos entrevistados, deve-se, possivelmente, a uma forma de minimizar o preconceito existente, no caso com relação ao veículo e ao *jopará*.

Esse fato me remete a outro, de quando iniciei as pesquisas em torno desse tema, e encontrei como forma de entender essa língua, fazer entrevistas informais com leitores no comércio de *Ciudad del Este*. Um jovem que lia atentamente o Popular me concedeu entrevista e, mesmo com o noticioso em mãos, garantiu que não o lia, somente o interessava o resultado das partidas de futebol.

O informante do presente artigo termina sua fala afirmando: *Aluno 5: “Eu nunca compreí o Diário Popular”.* (ENTREVISTA 18/12/2016, tradução do autor). Essas negações

e preconceitos podem estar relacionados aos aspectos editoriais, os quais primam por notícias rápidas e capas apelativas, porém, também têm relação com o uso da língua *jopará*, como já havia adiantado em outra passagem, o que conduz à reflexão.

É conflitante entender a negação e o preconceito linguístico, captados nas falas dos estudantes informantes, já que, faz parte da vida dos paraguaios, de sua cultura, falar misturando as línguas, independente da classe social, conforme aponta a resposta de uma entrevistada, aluna paraguaia, de 20 anos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, de classe média, quando questionada sobre a língua *jopará*: “*no Paraguai é difícil encontrar uma pessoa que fala o guarani, guarani, puro*” [...] (ENTREVISTA 18/12/2016). O guarani “puro”, sem interferências do castelhano, como vimos, é uma abstração, uma construção social defendida por uma parte da sociedade (elite cultural) e sustentada por questões econômicas, sociais, identitárias e nacionalistas, as quais se refletiram em políticas linguísticas que defendiam o ensino das línguas “puras”, como veremos.

3 | POLÍTICA LINGUÍSTICA E O SISTEMA EDUCACIONAL NO PARAGUAI

Uma das formas de pensar a delimitação do espaço de circulação da língua *jopará* ao terreno da informalidade e seu pouco capital simbólico em relação ao guarani e ao castelhano, oficiais, exige compreendermos alguns fatores que incidem sobre essa problemática, tais como: o papel das políticas linguísticas; a formação do Estado-Nação e consecutivamente suas implicações no sistema educacional.

Segundo Calvet (2004), a relação entre os sujeitos e as línguas, a forma como algumas são apreciadas em detrimento de outras, é um problema que envolve o planejamento linguístico, cuja atuação do Estado, por meio do poder que exerce, nessa esfera, coloca em prática as escolhas políticas, cujos reflexos incidirão sobre essa conexão.

Calvet (2007, p. 145) afirma que a política linguística envolve “um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social,” sendo o “planejamento linguístico, a implementação prática de uma política linguística, em suma, a passagem ao ato.” Dessa forma, apresentamos um breve percurso histórico, baseado em decisões e ações estabelecidas por grupos que detêm poder, sobretudo o Estado, as quais são essenciais para entendermos os embates entre línguas no Paraguai e seus reflexos.

Uma das razões da sobrevivência da língua guarani até a atualidade, pode estar depositado em movimentos que levaram à sua valorização, enquanto símbolo da cultura e do sentimento de pertença à pátria paraguaia, ocorridos em períodos da história. No decurso da colonização, foi valorizada pelos jesuítas, no intuito de manter a dominação política, pois sua manutenção garantia e estabelecia a diferença entre brancos e índios, cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, esses fatos apontam a língua guarani, enquanto símbolo, convocado para estabelecer fronteiras (MELIÀ, 1997). Tais fronteiras serviram

como escudo e arma contra os inimigos externos, durante os períodos de guerra.

Em “El significado militar en la Guerra del Chaco”, a importância do uso da língua guarani em período de guerra se evidencia:

Mientras tanto el guarani alcanza una oficialidade a nivel político-militar que supera su importancia durante la Guerra de la Triple Alianza. En mayo de 1933 el Comandante en Jefe Coronel Estigarribia ordena que todas las llamadas telefónicas en campaña se han realizar exclusivamente en guaraní. Además de servir a fines estratégicos esta práctica también podía tener consecuencias psicológicas. (google.com/intl/gn), acesso em: 13 dez. 2019.

É notável verificar que há um fortalecimento da língua guarani no decorrer dos conflitos bélicos. Os paraguaios contavam com a língua como aliada em suas táticas de guerra e restrição das informações, pois os outros povos envolvidos nas guerras não dominavam este idioma, ampliavam assim, as chances de organização militar.

Lusting (1996) observa alguns aspectos originários do período de guerra e que incidem sobre a manutenção do guarani e seu reconhecimento. Apesar da perda da guerra da Tríplice Aliança, e como consequência uma tragédia econômica e demográfica, visto que a população do Paraguai masculina adulta pereceu, no entanto favoreceu a tradição de se falar guarani em casa, tendo em vista o maior contato dos filhos com as mulheres. Além disso, a língua foi fortalecida, pois servia de estímulo combativo através de canções patrióticas utilizadas nesse sentido.

Alguns fatores, nesse terreno, que tornam a situação paraguaia muito diferente da que se dá em outras regiões da América, onde em maior ou menor grau, também se mantiveram os usos de línguas autóctones, segundo Meliá (1992), no que tange à preservação do guarani, as circunstâncias históricas não foram desfavoráveis para o povo originário dessa língua, quando este entrou em competição com o modelo cultural espanhol. No início do conflito linguístico, o guarani levou vantagem, devido ao número relativamente baixo de conquistadores e colonizadores espanhóis.

Os jesuítas criaram uma base importante para a sobrevivência da língua e sua recuperação atual. Nas reduções jesuíticas, a evangelização se fez exclusivamente em guarani, seguindo uma estratégia de isolamento que criava uma barreira linguística para minimizar as incursões dos bandeirantes. O emprego da língua “pagã” na cristianização não só pressupunha um intenso estudo do guarani tribal, por parte dos jesuítas, como também agregava a ele um número grande de neologismos indispensáveis para a catequese (MELIÀ, 1992).

Dentre os fatores históricos também decisivos para a manutenção do guarani, destacamos um negativo, o isolamento contínuo do Paraguai durante o governo do Ditador Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), o que levaria ao pouco desenvolvimento social, econômico e cultural do país, pois havia pouca circulação de revistas e jornais, além da dificuldade de implantação do castelhano. A manutenção da língua guarani promovida por

Francia é associada diretamente ao atraso do país. Entretanto, sob outra ótica, em termos da cultura guarani, essa ação colocou-a em situação de maior igualdade frente à europeia. (RODRÍGUEZ ZUCCOLILLO, 2000).

Em 1967, durante o governo de Alfredo Stroessner, o guarani passa a ser língua oficialmente referendada, embora fosse mantido o castelhano como única língua oficial. Apenas em 1992, a nova Constituição, pós-*stronista*, afirmou a condição do Paraguai como nação bilíngue, estabelecendo o guarani e o castelhano como línguas oficiais, e determinando a obrigatoriedade do ensino em língua materna.

Apesar dos argumentos defendidos até o momento serem fundamentais para alicerçar a ideia que associa a formação do Estado-Nação à valorização, por parte da elite econômica e intelectual, dos símbolos nacionais, tais como as línguas oficiais, guarani e castelhano, condicionadas à sua padronização, sem contatos mútuos, contudo, é essencial ressaltar algo já antes apontado, o fato do purismo linguístico ser uma construção não condizente com a realidade multilíngue e multicultural paraguaia. Nessa ordem, Melià (1992) observa como errôneo em se pensar que existia somente um guarani, o clássico, das obras jesuíticas, e destaca a diferença entre língua escrita e falada.

Existe la tendencia de considerar la lengua guaraní de los jesuitas como un todo único, un bloque sin fisura. Ese guaraní "clásico" sería el que se encuentra en las obras incomparablemente ricas del padre Antonio Ruiz de Montoya. [...] No se puede identificar la lengua escrita con la hablada, y menos aún una literatura casi exclusivamente religiosa con el idioma de uso común. En la lengua de los jesuitas, otro hecho había de venir a ensanchar la brecha entre lengua escrita y lengua hablada: el corpus literario en la lengua guaraní que se conoce hoy se compone en gran parte de obras escritas por extranjeros, cuyo conocimiento de la lengua era por demás "científico" y poco espontáneo (MELIÀ, 1992, p. 107).

O autor aponta para a formação da língua guarani atual, que se dará pela profunda impregnação do adstrato castelhano. Sua consolidação está ligada ao surgimento do campesinato mestiço, que mesmo culturalmente espanholizado, não abandona sua língua própria, no caso o guarani. Desde a sua origem, a cultura guarani e a espanhola formaram a identidade da população paraguaia e se mantêm em uso diário, de forma miscigenada, como o que ocorre nas práticas de linguagem reais.

O que se percebe é que o guarani tribal seria incompreensível pela população paraguaia atual, devido à língua originária haver sofrido interferência da língua castelhana, como um próprio reflexo da sociedade mestiça. Essa realidade é discrepante. Uma vez mais voltamos ao conflito linguístico, dessa vez no meio acadêmico, por meio da fala dos entrevistados, alunos da UNILA, quando questionados se aprenderam guarani na escola:

Aluna 1: Em meu caso na escola pois meus pais não falavam comigo e eu não convivia muito com minha avó, que era quem efetivamente falava guarani. Na escola era para mim o pior (risos) pois me custava muito. Ensinavam gramática

e ortografia, somente isso. Mas aprendíamos mesmo na rua. Depois voltei a conviver com minha avó e aprendi muito e com amigos também.

Aluna 2: Em meu caso convivi com minha avó e toda a vida falamos guarani, aprendi de pequena e não me custava muito na escola. Gramática, leitura, redação, teatro, tudo fazíamos na escola.

Aluno 3: Em meu caso já em casa aprendi, meus pais, no colégio, professores, todos falávamos guarani...então..não tive problema com guarani (ENTREVISTA 18/12/2016, tradução do autor)

É importante entendermos, nesse trecho e em outros já apresentados, como os entrevistados observam sua identidade cultural e a relação dela com suas práticas de linguagem na escola, já que, seu entendimento sobre suas tradições, o fato dos mais velhos falarem guarani “puro” ou “correto”, ou o fato de falar guarani estar atrelado a alguma comunidade ou cidade, tem relação com os conflitos observados e com o estabelecimento de valores positivos conectados às línguas padronizadas.

Para entendermos esses dados nos pautaremos em Holliday (2011), somando-se aos fatos históricos já levantados, relativos ao processo da formação da Nação, bem como às políticas linguísticas elencadas, que nos indicam que há indícios, por parte da análise dos dados provenientes dos informantes; e, por conseguinte, ampliada aos paraguaios em geral, de uma valorização de características culturais advindas da cultura espanhola, em detrimento de outras, sendo isso visível na relação entre os sujeitos e as línguas, no contexto investigado. Tais constatações estão também calcadas, pela apreensão, em virtude da apuração dos dados, de indícios de silenciamento quanto à cultura miscigenada, mesclada. Em decorrência desses fatores, elaborei um quadro que sintetiza esses traços:

Língua Espanhola	Língua Guarani	Língua jopará
oficial	oficial	não oficial
internacional	nacional	nacional
formal	Formal/informal	informal
oral/escrita	oral/escrita	oral
dominação cultural	resistência cultural	Articulação cultural
elite	Elite/popular	popular
modernidade	tradição	modernidade

Quadro 1 – línguas do Paraguai

Fonte: do autor

Esse quadro contribui a retomar a argumentação que fundamenta essa pesquisa, quanto à real valorização, em determinados períodos da formação do Estado-Nação paraguaio, da língua guarani, o que garantiu sua existência e sua ascensão à língua oficial (RODRÍGUEZ ZUCCOLILLO, 2000), sem deixar de registrar que tal valorização está condicionada à sua padronização, que a concebe como língua pura, o que não reflete a realidade.

Nessa perspectiva, a ideia que subjaz essa análise, é de entendimento da língua *jopará*, como a expressa nas matérias do jornal analisado, portanto em sua forma escrita, legitimada por um órgão de imprensa, como resultante do processo de globalização, da abertura de mercados, como expressão de uma cultura plural, que ganha espaço, em função de questões econômicas, mas que enfrenta preconceitos, que limitam sua circulação a ambientes e situações informais, jocosos, imprensa marrom, devido, também, aos efeitos das Políticas sobre as línguas e seu reflexo no sistema escolar, que prioriza a monoglossia, como relatam os alunos entrevistados:

Aluno 5: Em meu caso, em minha casa somente espanhol. Toda minha família sabe guarani muito bem...sempre se comunicavam em guarani (não sei se está bem falar assim), mas chegaram a Assunção e nunca mais falaram em guarani...desde que chegaram aí..começaram a falar sempre em espanhol, por mais que quando eu era criança me comunicava em guarani, entre eles sempre em espanhol. No colégio não aprendi o guarani como teria que ser, ou seja, no colégio se ensinava desde a parte de gramática, de ortografia, ensinavam a contar, mas não era o guarani popular. O guarani que te ensinam no colégio você nunca usa.

Aluna 2: Se sabe como se escreve tudo...mas para falar..muito difícil (ENTREVISTA 18/12/2016, tradução do autor)

O Paraguai é um dos poucos países a ter, reconhecidamente, duas línguas oficiais, sendo uma delas língua indígena. Segundo sua Constituição Nacional de 1992: “o Paraguai é um país pluricultural e bilingue, são idiomas oficiais o castelhano e o guarani. A lei estabelecerá as modalidades de utilização de uma e da outra ” (Artigo, 140). Dessa maneira, no terreno da educação, existe o compromisso de competência de ensino bilingue, baseado nos aspectos políticos, mas, o que se nota na prática, é uma outra realidade, como percebemos na fala dos alunos entrevistados. A exigência é a competência linguística em guarani e castelhano, porém, o ensino de língua guarani, seja por problemas de má formação acadêmica, ou por problemas sociais, converte-se em uma árdua tarefa, tornando-se o guarani acadêmico uma língua externa e inalcançável. (GASPARIN, 2016; PATIÑO, 2013)

No que se refere à língua *jopará*, nesse contexto, ela é empregada por todos, alunos e professores, porém, não é ensinada, como asseveram os estudantes entrevistados:

Aluno 3: Em meu caso os professores sempre falavam em jopará..em sala de aula

Aluna 2: Em meu também..usavam o jopará para explicar, mas para escrever não...mas no dia a dia sim e para explicar (ENTREVISTA 18/12/2016, tradução do autor)

Maher (2007) observa a existência de um modelo, em que o bilinguismo pode ser um problema a ser combatido. Trata-se do Modelo Assimilacionista de Transição, no qual os aprendizes iniciam a aprendizagem em duas línguas, mas a língua de menor prestígio e poder, portanto invisibilizada no sistema escolar, é gradativamente substituída pela língua dominante. Sobre o contexto de minorias no Brasil, ela discute as relações de poder implícitas em diferentes tipos de bilinguismo, já que os alunos indígenas, surdos e de comunidades de imigrantes são obrigados a aprender a língua dominante, no caso o português. Não lhes é dada opção. A autora questiona o modo pelo qual diferentes tipos de bilinguismo são percebidos, dependendo do *status* das línguas envolvidas. Nas palavras de Maher:

O bilinguismo português-ínglês, por exemplo, é altamente incentivado no Brasil, haja vista o número impressionante de escolas dessa língua no país. Quando, no entanto, uma das línguas envolvidas é avaliada como sendo não-prestígio, como é o caso, por exemplo, das línguas indígenas ou de LIBRAS, o bilinguismo é quase sempre visto como um "problema" a ser erradicado (MAHER, 2007, p. 69)

Quanto à realidade da educação no Paraguai, espera-se que o aluno, ao concluir o ensino médio, seja competente nas duas línguas, porém, há uma desconexão desse objetivo com as práticas linguísticas dos aprendizes, as quais, em grande maioria na fala, são materializadas no *jopará*. Dessa maneira, retomando o quadro 1, dessa forma os argumentos, constata-se o prestígio das línguas oficiais em detrimento de uma terceira, a qual é empregada por todos, porém silenciada por um ensino que visa o Bilinguismo de Escolha (CAVALCANTI, 1999), no qual se lecionam duas línguas valorizadas, sendo as mesmas ensinadas, muitas vezes, em momentos distintos e por professores distintos.

As políticas linguísticas são reflexo das ideologias de quem as criam e são capazes de formar conceitos em relação ao que é certo e errado (CALVET, 2007). Dessa forma, conhecer as políticas institucionalizadas no Paraguai é de extrema importância para entendermos que certos aspectos da realidade social são apagados para que outros estejam em foco, ou seja, confirmarmos a desvalorização do *jopará*, em relação às línguas guarani e castelhano padronizados, cuja legitimidade se restringe à vida doméstica, imprensa marginalizada ou seu não reconhecimento como língua.

Os entrevistados, o jornal analisado, os dados históricos apresentados, bem como sua composição linguística, nos mostram, de fato, a hibridização cultural, expressa mais claramente pela língua *jopará*, como um mal a ser combatido ou um fator a ser silenciado.

A impressão que se tem, segundo os valores nacionais, é que as línguas oficiais – guarani e castelhano, especialmente na forma escrita, não admitem interseção, sem que isso gere consequências, tais como: o descrédito, a negação ou a informalidade. Essas atitudes são fruto, também, de uma ideologia monolíngue dominante, no caso do Paraguai bifurcada no mito do espanhol “puro” e guarani “puro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua *jopará*, falada por uma grande parcela da população paraguaia, conjuntamente ao guarani, sobrevive a todo o processo de marginalização. Entretanto, o *jopará* não dispõe, em termos de valor simbólico, de representatividade, quanto ao universo linguístico em que está imbricado.

Segundo a visão que o *Diario Popular* nos apresenta, conforme as pesquisas consultadas, em consonância aos dados analisados, provenientes das entrevistas realizadas, o lugar do *jopará* corresponde aos ambientes informais, ao cotidiano da população. Quanto ao jornal em questão, seu uso (des)individualiza os personagens retratados, reduzindo suas subjetividades a categorias de identificação que não são empregadas em língua padrão (como castelhano), nem estão em redigidas em guarani acadêmico.

Desejo, nessa direção, todavia, ressaltar, que o colonizador espanhol ao impor sua língua, sua religião, organização social e sistema jurídico, enraíza seu *modus vivendi* ao sistema simbólico, de maneira estruturante e estruturada, sendo essa composição a base da formação da sociedade paraguaia, calcada, dessa maneira, em desigualdades de toda ordem, expressas, no terreno cultural, pela desvalorização do modelo guarani, o que resulta em reações e tensões no terreno linguístico.

Ainda espero haver contribuído para a formação de professores que atuam em região de fronteira, mas não somente estes, uma vez que as salas de aulas são microcosmos multiculturais, em que a convivência de seus agentes (professores, professoras, alunos e alunas) torna-se um desafio. Nessa esfera, essa pesquisa visou o reconhecimento do entrelaçamento intercultural como algo positivo; a valorização das diferenças e o não apagamento de culturas em função de outras. Dessa maneira, é preciso um olhar especial dos professores para estudantes de origem paraguaia, presentes no ambiente escolar em Foz do Iguaçu.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2005.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2ª ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo, Parábola, 2004

_____, L. J. **As Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

CANAGARAJAH, S. Navigating language politics: a story of critical praxis. In: NICOLAIDES, C. et al. **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v.15, n.especial, p. 385-417, 1999.

_____, M.C.; MAHER, T. J.; **Diferentes Diferenças: desafios interculturais na sala de aula**, 12/2009, ed. 1, CEFIEL/ IEL/ UNICAMP/ MEC, Vol. 1, pp. 54, pp.1-54, 2009

_____, M. C. **Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues**. In: Moita Lopes, L.P. (org.) *Linguística Aplicada na Modernidade Recente – Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola/Cultura Inglesa, 2013, pp 211-226.

CÉSAR, A.; CAVALCANTI, M. C. **Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio**. Transculturalidade. Linguagem e educação. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DIARIO POPULAR. Asunción, edição 5452, 5425, jan. 2010.

_____. Asunción, edições 5812, 5816, 5817, 5818, 5821, 5822, 5823, 5824, 5825, 5827, 5830, jan.; 5844, 5849, fev.; 5871, 5872, 5874, 5875, 5878, 5879, 5880, 5882, 5885, mar.; 5901, 5905, 5907, 5908, 5911, 5912, abr.; 5914, 5931, 5935, 5938, 5942, 5949, 5950, maio, 2011.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência**: as marcas da oralidade no jornalismo popular. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GASPARIN, M. N. Relatos e experiências de brasileiros no território paraguaio. In: **III Seminario Internacional de los Espacios de Frontera (III Geofrontera), Encarnación, 2015**. Disponível em: <<http://www.humanidades.uni.edu.py>>. Acesso em 10 jun. 2018.

GASPARIN, M. N. Políticas linguísticas e representação de identidades: um estudo etnográfico em uma comunidade plurilíngue/pluricultural no Paraguai. 2016. 137 f. Dissertação [Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras]. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2016.

GROSJEAN, F. **Life With Two Languages: An introduction to Bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982

GYNAN, N. S. **El Bilingüismo paraguayo aspectos sociolingüísticos**. 2ª. ed. Ed. Etigraf. Fernando de la Mora. Paraguay, 2003

GUASH, A. S. J. & ORTIZ, S. J. **Diccionario castellano - guaraní/ guarani - castellano.Sintáctico, fraseológico, ideológico. Grafía actualizada**. CEPAG: Asunción. 199.

GOOGLE GUARANI: google.com/intl/gn, acesso em: 13 dez. 2019

HOLLIDAY, A. **Intercultural communication and ideology**. Londres: Sage, 2011.

KALLFELL, G. **¿Cómo hablan los paraguayos con dos lenguas? Gramática del jopara**. 2016. Disponível em: <http://www.etnolingüística.org/biblio:kallfell-2016-jopara>. Acesso em: 10 de dezembro de 2016.

KERN, A. A. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KRIVOSHEIN DE CANESE, N. **Apuntes de lingüística general y aplicada**. Assunção: [S. n.], 1996.

_____. **Variedad de guaraní que se usaria en la educación**. Nemity, Asunción, n. 26, p. 14-18, 1993.

LUSTING, Wolf, **Mba'eichapa oiko la guarani? Guarani y jopara en el Paraguay**. Disponível em: <http://www.etnolingüística.org/artigo:lusting-1996>. Acesso em 23 dez. 2019..

MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilingue e intercultural. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

MELIÀ. **El Guaraní conquistado y reducido**, Asunción: Universidad Católica, 1986

_____, B. **La lengua Guaraní Del Paraguay; Historia, sociedad y Literatura**. Madrid, España, Ed. Mafre, 1992

_____. **El Guaraní conquistado y reducido**, Asunción: Universidad Católica, 1997

_____, Bartolomeu. **Una Nación dos Culturas**, Asunción: Salesiana, 1998

PATIÑO, M. **Actitudes Lingüísticas hacia la lengua guaraní de los estudiantes del segundo curso, turno noche, del nivel medio del Colegio Nacional Emr Dr Fernando de la Mora**. Revista Paraguay desde las Ciencias Sociales, revista del Grupo de Estudios Sociales sobre Paraguay, n° 3, 2013, 41-60. Disponível em: <http://www.grupoparaguay.org/revista>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PENNER, H. **Jopará: Representaciones, Hechos y Análisis**. In: Interculturalizaciones. Transiciones, mediaciones y conflictos em lenguas, comunidades y educación escolar. Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, México, 2107, pp 91-110.

PERES, S. **Avañe'ê, Ñe'ê Tavy, Karai Ñe'e: escolarização do guarani e diglossia no Paraguai**. In: História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (9): 39 – 85, abril, 2001.

RODRÍGUEZ ZUCCOLILLO, C. M. **Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai**. Campinas, SP: 2000.

SANTOS, L. M. **Ñande rekó/nosso modo de ser: o jopara no jornal Diário Popular**, Foz do Iguaçu, 2012

SERRA, A. **O desvio nosso de cada dia: a representação do cotidiano num jornal popular**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

ZAJÍCOVA, L. **Diferentes formas del jopara**. In: Escobar, A. M. e Wölcck, W. (org.) *Contacto lingüístico y la emergencia de variantes y variedades lingüísticas*. Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2009, p.p 23-38.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216

Conflitos Linguísticos 9, 12, 228

Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349

Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340

Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339

Ensino de Ciências 13, 304

Ensino de Geografia 12, 277, 278

Ensino de História 319, 349

Etnobotânica 102, 126

F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180

Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326

Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

P

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282

S

Sabedoria popular 102

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 